

CONHECER, PARTICIPAR, TRANSFORMAR: uma experiência de pesquisa e mobilização social em uma comunidade de baixa renda brasileira

Alexandre Barbara Soares

Claudia Cabral

Resumo.

Este artigo pretende analisar as implicações e possibilidades da produção de conhecimento sobre um território, através de pesquisas e coleta de dados, na transformação política e social deste local. O texto parte da experiência de uma ONG carioca que realizou um survey quantitativo e qualitativo em uma das mais empobrecidas comunidades da baixada fluminense (cidades periféricas ao Rio de Janeiro), que foi base para um processo da comunidade de luta e reivindicação por melhores aparelhos públicos para suas crianças e adolescentes.

Introdução.

“Conta Eduardo Galeano¹ que Rafael Gullen, antes de se tornar o subcomandante Marcos², veio a Chiapas e falou aos indígenas, mas eles não o entenderam. Então, meteu-se na névoa, aprendeu a escutar e foi capaz de falar. A mesma névoa que impede de ver é, também, a janela aberta para o mundo do outro. Olhemos em silêncio, aprendamos a ouvir. Talvez, depois, finalmente, sejamos capazes de compreender.”

(Saramago, J.L.-in Folha de S.P. 07/06/98)

A opção por trabalhar com crianças e adolescentes em comunidades de baixa renda é sempre uma escolha por trabalhar com a escassez: de recursos, de instituições, de informações, de direitos. Em países extremamente desiguais como o Brasil, onde o desenvolvimento e a precariedade caminham lado a lado, focar as ações sociais em localidades de extrema pobreza se torna um desafio necessário para reversão de tais desigualdades.

Entendendo este contexto, desde 2008, nós, da Associação Brasileira Terra dos Homens desenvolvemos um programa de ação direta e atenção à crianças, adolescentes e famílias em uma comunidade chamada Mangueirinha,

¹ - Escritor uruguayo.

² -Líder dos guerrilheiros Mexicanos do Exército Zapatista de libertação Nacional,da província de Chiapas.

na cidade de Duque de Caxias (distante cerca de 40 minutos do centro do Rio de Janeiro). A opção por esta comunidade como foco de ação no trabalho social com famílias foi feita graças a um levantamento realizado em 2007, por entidades de atendimento à crianças e adolescentes em situação de rua, que diagnosticou que, nas áreas de maior concentração deste público na cidade do Rio de Janeiro (zona Sul, Centro e Rodoviária) a maior parte das crianças entrevistadas moravam na Baixada Fluminense e, dentre estes, a maioria era oriunda da comunidade da Mangueirinha. Em Duque de Caxias, residem, segundo dados oficiais, cerca de 820.000 pessoas (Censo 2010. IBGE-Brasil).

Desde o início, a crença na necessidade de conhecer para planejar, diagnosticar para agir foi a tônica da proposta. Desta forma, logo após a escolha da comunidade da Mangueirinha para desenvolvermos ações psicossociais junto a famílias e crianças, nos propusemos a realizar um mapeamento da comunidade e identificação de possíveis parceiros da rede local, que pudessem não apenas apoiar como também participar do planejamento e elaboração de ações. Em paralelo também fizemos um Ecomapa³ da comunidade. E, logo em seguida, estudos de caso com parceiros locais para definição dos critérios de elegibilidade das famílias a serem atendidas. Nossa entrada na comunidade foi gradativa de forma a conhecer o terreno, os habitantes, a cultura e história do lugar, sempre com foco na inclusão das lideranças potenciais à execução de um projeto realmente local. No interesse da população.

Entretanto, muitas vezes, quando questionados sobre algumas características mais gerais e demográficas da comunidade, nos deparávamos com um vazio de informações. Como em muitas das localidades de baixa renda brasileiras, os órgãos oficiais produzem pouca informação e dispõe de poucos dados sobre estas populações. Assim, desenvolvemos um censo demográfico que pudesse disponibilizar, como legado para a própria comunidade, o quantitativo populacional, a média de habitantes por moradia, a escolaridade, o número de crianças por faixa etária, as profissões e as opiniões dos moradores em relação ao que falta na comunidade em termos de serviços públicos e sociais. Esta pesquisa percorreu todas as casas da comunidade para traçar este perfil socioeconômico. E foi justamente esta pesquisa que abriu novos caminhos para a relação “Comunidade - poder público - sociedade civil organizada”.

A pesquisa: envolvendo atores locais, articulando com atores públicos.

Imbuídos do desejo de preencher esta lacuna de auto-conhecimento da comunidade, desenvolvemos a primeira pesquisa diagnóstica da Mangueirinha.

³ - Ecomapa é uma técnica de diagnóstico utilizada pela Terra dos Homens para o trabalho social com famílias.

Segundo Isabela (21 anos), uma das jovens moradoras que participaram da pesquisa:

“Desde o início nós percebíamos que muitas mães que freqüentavam o projeto eram catadoras de lixo reciclável. Como eram muito pobres e como a comunidade não tinha uma creche, a maioria levava as crianças para a rua pra catar lixo com elas. A pesquisa começou justamente para mensurar quantas famílias existiam na comunidade que levavam seus filhos para trabalhar nas ruas como catadores de papel e materiais recicláveis. Como havia muitas famílias nessa situação entendemos que deveríamos saber exatamente quantas e em que circunstâncias. A associação de moradores não sabia quantas famílias eram nesta situação. A partir de uma reunião com famílias atendidas pelo projeto, equipe técnica, lideranças comunitárias e jovens e definiram o escopo da pesquisa. Participaram 20 pesquisadores-moradores da comunidade”.

A pesquisa teve grande impacto na vida dos moradores que participaram dela. Os relatos falam sobre o quanto conhecer mais a fundo cada casa, cada morador, aumenta a implicação do próprio morador com sua comunidade. Ao mesmo tempo, expôs as frágeis relações – ou ausência delas – com o Poder Público Local. Segundo Beth (23 anos), uma das pesquisadoras comunitárias:

“Ahh, os moradores as vezes falavam pra mim ‘não quero responder pesquisa nenhuma não, isso não vai melhorar nada da minha vida’. Ou então falavam ‘você não vai levar (as informações) para o Conselho Tutelar não né’, porque eles deixavam as crianças trancadas dentro de casa para trabalhar e tinham medo do que nós podíamos fazer com as informações. O morador tem medo também, eles ficavam meio desconfiados”.

Por muitos anos no Brasil as comunidades de baixa renda têm sido alvo de pesquisas e levantamentos. Entretanto, raríssimas vezes estas localidades vêm estes dados retornando para elas em forma de melhoria de sua qualidade de vida. E isto refletia diretamente na visão e crença nas possibilidades de uma pesquisa em termos de mudança de condições de vida. A própria desconfiança de alguns pesquisadores-moradores em relação as implicações práticas da pesquisa, sua utilidade, eram um reflexo também do afastamento dos diagnósticos destas possibilidades de mudança. E justamente por isso, precisávamos “fazer diferente”. Segundo a pesquisadora Penha (51 anos):

“Pra falar a verdade, eu participei da pesquisa mas, no início, sem esperança de nada. Teve pessoas que diziam ‘tomara que agora, pelo menos, seja realizada alguma melhoria na comunidade”.

Com o censo identificamos cerca de 6.000 moradores em Mangueirinha. Destes, 80% possuía apenas o ensino fundamental e, em sua maioria, incompleto. A população de crianças e adolescentes até 18 anos era de 35%, sendo que, destas, metade estava na faixa etária de 0 a 8 anos de idade. Dos moradores adultos, 45% estava desempregado e, entre os que trabalhavam

46% estava na informalidade. Metade dos adultos que trabalhavam, possuía profissões de baixa qualificação e pequena remuneração. Assim, muitas crianças precisavam completar a renda familiar, em geral, trabalhando nas ruas, com seus pais e mães.

Também encontramos 112 famílias de vendedores ambulantes ou catadores de materiais recicláveis que tinham crianças de até 8 anos de idade - aproximadamente 200 crianças no total. Entre estes catadores de material reciclável 43% recebiam menos de R\$100,00 (€40,00) por mês para sustentar a família que tinha, em média de 4 a 6 pessoas. Os vendedores ambulantes possuíam uma renda um pouco mais alta, mas mesmo assim, 68% ganhava menos de um salário mínimo por mês. Muitas famílias de vendedores ambulantes, incluindo crianças pequenas, também catavam lixo como uma forma de complementar a renda doméstica.

Mas, o dado principal, quando perguntávamos “o que falta na comunidade?”, era a demanda por uma creche ou instituição de educação infantil. Até aquele momento, não havia nenhuma instituição pública deste tipo da comunidade e, com tantas pessoas em condições tão limítrofes de vida, esta era uma demanda vital para sua sobrevivência. Em especial, a necessidade das famílias de trabalhar para sobreviver torna imperativo que a comunidade e seu entorno ofereçam os suportes necessários para os cuidados das crianças, que permitam aos pais sair e contar com este apoio. Na Mangueirinha, apenas 12% das crianças 0-4 anos e 25% das crianças entre 5-6 anos frequentam algum tipo de serviço de cuidado educativo comunitário. Estes dados se assemelham, aos dados do UNICEF de 2008, que apontam que das crianças de até seis anos de idade (21 milhões), somente 15,5% tinham acesso a creche (0 a 3 anos). Por isso, torna-se imperativo cuidar da educação básica, reduzindo as possibilidades de perpetuação de tais desigualdades.

A partir de então, conhecendo a “cara” da comunidade, entendendo suas demandas e mensurando o tamanho do problema, podíamos começar a fazer aquilo que era nosso papel: articular, intermediar, aproximar.

Quando os números viram vidas

Dispúnhamos dos dados, tínhamos o diagnóstico. Uma apresentação formal dos resultados, na sede do projeto, foi realizada com a presença de famílias, lideranças comunitárias e autoridades convidadas pela instituição.

O filósofo francês Feliz Guatarri utiliza um termo para designar as diferentes maneiras possíveis de expressão da produção de conhecimento: usa-lo como “Maquina de Guerra”, agindo no sentido de transformar aquilo que se descobriu em uma realidade melhor para todos. Produzir conhecimento sobre aquela localidade, traduzi-lo e comunica-lo para outros meios e territórios, permitindo a interlocução de comunidades extremamente isoladas – física, intelecto e

socialmente - com outras localidades e com o entorno mais ampliado foi uma estratégia desenvolvida por nós. Este tipo de estratégia é uma tônica que tem sido cada vez mais abraçada por gestores socialmente comprometidos, como fica claro na fala do Secretário de Trabalho, Renda, Ciência e Tecnologia da cidade de Duque de Caxias, Jorge César.

“A pesquisa e o diagnóstico são o ponto básico na gestão. Você não pode pensar em direcionar recursos públicos se você não tiver uma leitura adequada da área que você quer atingir e do público. E o ponto inicial é ter estes dados coletados e trabalhados. Para o gestor o mais importante é ter um profundo respeito pela realidade local. A gente não pode imaginar de que temos soluções formatadas e prontas, o Poder Público por mais conhecimento que possa ter, ele precisa respeitar a opinião dos moradores e aprender com a experiência deles”.

Pela primeira vez, a comunidade da Mangueirinha dispunha de um conjunto de informações decodificado e tratado para poder dialogar com o Gestor público. Pela primeira vez podia apresentar com números a necessidade, a demanda da comunidade por certos aparelhos públicos. E o principal equipamento solicitado era uma creche.

Munido destes dados, o então presidente da Associação de Moradores, Sr. Jorge Katarina se dirigiu à Secretaria de Educação. Os dados eram incontestáveis e frente a eles, não havia discussão possível. A comunidade urgia por uma creche. O presidente da Associação de Moradores conseguiu uma audiência com a Secretaria de Educação e apresentou a necessidade das famílias da comunidade. E esta demanda foi, no final do ano de 2011, atendida. Com capacidade para 250 crianças, a creche foi inaugurada em Dezembro e já está em funcionamento atualmente.

Nossa equipe hoje é formada essencialmente por moradores da comunidade e entorno, frequentando fóruns, conselhos e comitês participativos para implementação de políticas públicas para o município e em especial serviços para a comunidade da Mangueirinha. Munidos da pesquisa mantêm contato com diversos agentes públicos que, ao tomarem conhecimento dos dados também começam a se aproximar e prover mais recursos para a comunidade.

Um destes atores foi a Secretaria de Trabalho, Renda, Ciência e Tecnologia, que começou a desenvolver ações de trabalho e renda voltados a jovens e programas de formação profissional na comunidade.

“Através do mapeamento que tivemos acesso, pudemos criar uma série de equipamentos para a comunidade – uma escola de solda, a primeira unidade fixa do Colégio Pedro II em toda a baixada e a primeira escola de tempo integral, dentro do complexo da Mangueirinha, atendendo cerca de 3.000 adolescentes e crianças nestas unidades. Nosso contato com a Terra dos Homens tem sido muito positivo, pois é uma

entidade que atua no local, interage com o local e nada melhor que você interagir e ter uma interlocução com uma entidade que conhece muito bem esta realidade”. (Secretario Jorge César).

Interessante notar que o percurso percorrido foi de entrada na localidade, diagnóstico da situação local, divulgação dos dados, fortalecimento da população munida de conhecimento próprio e auto análise, intermediação com o Poder Público e reivindicação de demanda frente aos dados. Ou seja, a demanda levada ao agente público pode ser potencializada quando subsidiada por dados que fortaleçam a solicitação. A ação em Rede, estruturada e apoiada é um dos mais fortes vetores de transformação social possível para a população de baixa renda das grandes cidades brasileiras. Ademais, este tipo de intermediação e diálogo amplia as possibilidades de entrada do Poder Público na comunidade, pois produz maior credibilidade e eleva sua ação a um nível de parceria com os atores locais, e não apenas de provisão de serviços pré-moldados e formatados. Ou seja, graças a este processo de negociação e intermediação, criou-se outra visibilidade para o Agente Público dentro da comunidade.

O exemplo de Lucia ilustra nossas afirmações. Sua família conta hoje com 4 crianças de 7, 9, 13 e 15 anos, ex-catadora de lixo, que criou sozinha seus filhos, sem apoio. Levava os filhos para as ruas pelo menos 3 vezes por semana. O pai das crianças preso por envolvimento com o trafico. Lucia entrou no projeto da terra dos homens no final de 2008. A partir da intervenção do projeto ela e as crianças passaram a freqüentar a Casa da Terra dos Homens. Lucia conseguiu um emprego formal em tempo parcial, como faxineira, em um hospital público. No projeto ela auxilia, por meio de visitas domiciliares, na busca de pessoas mais vulneráveis em sua comunidade – como ela, um dia foi. Seus filhos frequentam atividades pedagógicas e agora estão matriculados na rede publica com bom rendimento escolar. Lucia e seus filhos tiveram a vida radicalmente transformada. Sua moradia passou por reformas físicas, não há mais goteira no quarto das crianças. Estas agora estudam e permanecem na própria comunidade, convivendo com seus vizinhos e com menos risco de contrair doenças, pois estão fora do ambiente do lixo sendo cuidadas por sua mãe e por todos do projeto, que são também moradores da comunidade. Lucia virou ‘agente comunitário’. Passou a ver seus vizinhos com outros olhos. Hoje se preocupa com o bem estar de todos os moradores da comunidade e promove com frequência a inclusão de novas pessoas no projeto da Terra dos homens. Tem uma visão mais critica sobre o contexto onde vive. Tem a possibilidade de sonhar, de olhar para além do concreto cotidiano, da pura sobrevivência. E isso também transforma comunidades, cidades, sociedade.

Conclusão

A situação de extrema pobreza e abandono a qual são submetidas milhares de famílias brasileiras é um chamado à ação para cidadãos e instituições socialmente engajadas e compromissadas. Entretanto, como transformar cenários e modificar contextos sem atropelar atribuições e reforçar os estigmas? Como potencializar a mudança sem “tomar” o lugar do Governo ou reforçar sua ausência, “resolvendo” os problemas que, em última instância, são de responsabilidade do Poder Público? Qual o nosso papel e nossas possibilidades enquanto Sociedade Civil Organizada?

A experiência apresentada neste breve artigo demonstra alguns dos caminhos viáveis para uma ação que consiga potencializar a relação entre comunidade e Poder Público de maneira articulada, produtiva e respeitando as diferentes atribuições. Cabe à comunidade se organizar para reivindicar, cobrar e acompanhar a gestão pública, organizando suas demandas, suas informações, coletando e sistematizando dados, fomentando alternativas criativas de ações que possam ser incorporadas pelo Poder Público e transformadas em política pública. E também intermediando contatos, promovendo conexões com outras redes e atores de outros contextos, aproximando as demandas locais de gestores públicos. E o Poder Público precisa ter a escuta aberta, promover as ações necessárias para a transformação social, se permitir escutar e interagir.

Ninguém muda nada sozinho. Nos dias atuais, o lugar da intersetorialidade é vital para a transformação social. Em um mundo que parece mais obstruir que possibilitar, a busca e promoção de alternativas coletivas, agregadas, são um dos poucos caminhos de transformação possíveis. A proposta da Terra dos Homens sempre foi aproximar, agregar, viabilizar, potencializar. E fazer isso coletivamente leva tempo, custa recursos, despende energia. Mas é duradouro, concreto, perene. E vale a pena.